

ASPECTOS EMOCIONAIS ENVOLVIDOS NO APADRINHAMENTO AFETIVO

BARTHOLOMEU, Daniel¹

MONTIEL, José Maria²

FARINA, Patrícia³

RIGHI, Sandra⁴

SANTO, Andreza A. de Oliveira⁴

SOUZA, Maria Luiza Jorge⁴

MARIM, Marília Rafaela⁴

ALMEIDA, Rosangela Antonucci⁴

RESUMO

Identificar características emocionais nos candidatos a padrinhos e madrinhas afetivos, e também nos candidatos as crianças e/ou adolescentes a serem apadrinhados. Foi aplicado o Desenho da Figura Humana a 7 padrinhos e 5 apadrinhados. Nos quatro casos de apadrinhamentos que foram avaliados, o que pode ser verificado é a semelhança dos indicadores emocionais que aparecem tanto nos padrinhos como nas crianças. Diante desses resultados acredita-se que estes aspectos emocionais semelhantes colaborem com o vínculo afetivo existente entre os padrinhos e as crianças, pois há uma identificação entre eles que talvez necessite de mais estudos para sua confirmação.

PALAVRAS-CHAVE: adoção, aspectos emocionais, desenho da figura humana, vínculo afetivo

EMOTIONAL ASPECTS INVOLVED IN AFFECTIVE SPONSORSHIP

ABSTRACT

The aim of this study were identify emotional aspects in father and mother in law and children and adolescents adopted by them. The human figure drawing were administered to 7 parents and 5 children in process to adoption. In all cases it was ascertain common emotional aspects in the father, mother in law and their sons, which was interpreted as good to the affective link between them through identification mechanism. New researches are required to test these interpretations.

KEYWORDS: adoption, emotions aspects, human figure drawing, affective link

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo identificar os aspectos emocionais que envolvem o programa de apadrinhamento afetivo realizado na casa transitória “Lar Pedacinho de Luz”. Acredita-se que a compreensão das variáveis emocionais, tais como a maturidade, a negatividade, a estabilidade emocional, a capacidade de criar vínculos e desligar-se dos mesmos, possibilite uma maior adequação do envolvimento destes e possibilite traçar estratégias de intervenção para possibilitar um processo de apadrinhamento afetivo mais apropriado para padrinhos e afilhados estabelecendo uma relação cada vez mais estável e estruturada.

O ECA, (Estatuto da Criança e do Adolescente) (1990) aponta algumas citações referentes às obrigações que toda a sociedade tem em relação a uma criança ou adolescente. Dentre elas, a Lei nº. 8.069, promulgada em 13 de Julho de 1990, refere em seus artigos 3 e 4, respectivamente:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inherentes a pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhe todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade.

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária.

No que se refere à educação o ECA estabelece em seu artigo 53 que “a criança e o adolescente tem direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”, assegurando: - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; - Direito de ser respeitado por seus educadores; - Acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência. Segundo Rosa (2003), dentro desse contexto, o Apadrinhamento Afetivo tem como desígnio proporcionar o direito à convivência familiar às crianças e adolescentes que convivem em abrigos e instituições. Essas crianças e adolescentes que podem vir a serem apadrinhadas são aquelas que não têm mais contato, ou mantêm pouco contato com seus parentes; que apresentam

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade São Francisco, membro do LabAPE e do LEPESPE (Unesp-Rio Claro) e docente do Centro Universitário Salesiano de Americana onde coordena o Laboratório de Psicodiagnóstico e Neurociências Cognitivas.

² Doutor em Psicologia pela Universidade São Francisco, membro do Laboratório de Psicodiagnóstico e Neurociências Cognitivas e docente do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Jundiaí.

³ Mestre em Psicologia e Docente do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Jundiaí

⁴ Discentes da Faculdade Anhanguera de Jundiaí.

dificuldades de inclusão em famílias substitutas através de adoção ou guarda; são crianças maiores ou adolescentes; as que estão inseridas em grupos de irmãos; ou aquelas com necessidades especiais, dentre outras. Esta autora diz que o apadrinhamento afetivo deve ser planejado como um programa e desenvolvido por uma equipe de profissionais da instituição, podendo abranger os profissionais do ramo judiciário, da prefeitura e de outras ONG(s) que atuam na mesma área. Enquanto programa se constitui por objetivos e metas definidas, ações sistematizadas, roteiro de acompanhamento e avaliação.

Rosa (2003) aponta ainda que as pessoas ou casais que se candidatam a padrinhos devem ser devidamente preparados, selecionados e acompanhados periodicamente. O papel do padrinho deve ser o de alguém que desenvolve uma atenção focada para uma ou mais criança e/ou adolescente. É o de Uma pessoa que mostra a disponibilidade de criar vínculo afetivo, que proporciona momentos de convivência familiar e lazer nos finais de semana, feriados ou férias escolares, preocupação em adequar momentos de orientação nos estudos, reflexão e capacidade para direcionar quanto ao futuro profissional deste afilhado. Lembra e festeja o aniversário ou datas importantes para essa criança ou adolescente, afinal, este padrinho e/ou madrinha torna-se uma referência na vida da criança e do adolescente. Apesar disso, não se consegue ainda utilizar de maneira adequada e efetiva esse recurso social que deveria ser fonte de solução para criança e para o adolescente abandonado ou que não tenha devida assistência familiar. Em decorrência, os abrigos na sua maioria, acabam se transformando em internatos permanentes da criança e do adolescente. Essa situação é ainda mais evidente nos abrigos mantidos pela administração pública. Foi-se esquecendo um dos direitos fundamentais da criança e do adolescente, expresso no art. 19 do ECA, que é o de ser criado e educado no seio de sua família, e, excepcionalmente, de família substituta.

2 O VÍNCULO DA CRIANÇA COM A MÃE: COMPORTAMENTO DE APEGO

Bowlby (2002) mostra a importância de uma relação estável e permanente com a mãe (ou substituta) amorosa durante toda a infância, e a necessidade de aguardar a maturação antes de tentar intervenções como o desmame e o treinamento de hábitos pessoais de higiene. Se a criança tem o amor e a companhia da mãe e logo também do pai, ele crescerá sem ser pressionado pelos anseios libidinais e sem uma disposição irresistível para odiar, caso contrário, seus anseios libidinais serão muito elevados e ele estará procurando constantemente amor e afeição. A compreensão da resposta de uma criança à separação ou perda de sua figura materna gira em torno de uma compreensão do vínculo que a liga a essa figura. Os psicanalistas são unâimes em reconhecer a primeira relação humana como a pedra fundamental sobre a qual se edifica a sua personalidade. O comportamento de apego foi definido como a busca e a manutenção da proximidade de um outro indivíduo. O comportamento de manutenção da proximidade é observado de maneira óbvia quando a mãe sai do quarto e o bebê chora, ou chora e tenta também segui-la. (BOWLBY, 2002).

Até os três anos, as crianças apresentam esse comportamento de apego de maneira regular, quando então começam a aceitar uma ausência temporária da mãe e se dedicar a brincadeiras com outras crianças. Na adolescência esse comportamento de apego da criança em relação aos seus pais sofre mudanças. Outros adultos assumem importância igual ou maior que a dos pais, e a atração sexual por indivíduos da mesma idade começam a ampliar esse quadro. Nenhuma forma de comportamento é acompanhada por sentimento mais forte do que o comportamento de apego. As figuras para as quais ele é dirigido são amadas e a chegada delas é saudada com alegria. Enquanto uma criança está na presença de uma figura principal de apego ou a tem em seu alcance, sente-se segura e tranquila. Uma ameaça de perda gera ansiedade e uma perda real tristeza, sendo que ambas as situações podem despertar exaltação. (BOWLBY, 2002).

Para Bowlby (2002) indivíduos de todas as idades são mais felizes e mais capazes quando estão seguros de que existem pessoas que virão em seu auxílio caso surjam dificuldades. Sendo assim, o funcionamento de uma personalidade saudável será refletido pela sua capacidade em reconhecer figuras adequadas que estão dispostas e aptas a proporcionar-lhe uma base segura. Ainsworth et al. (1971) foram as primeiras autoras a estudar os diferentes tipos de apego que podem ser desenvolvidos por uma criança. Afirmando que a criança pode ter apego inseguro quando suas mães são insensíveis ou negligentes às suas necessidades. Fazendo com que a criança não desenvolva a confiança que deve ter em si e nos outros. Em contrapartida quando são atendidas suas necessidades de afeto, trocas subjetivas e cuidados de higiene e alimentação, etc, a criança tende a se tornar confiante e desenvolver plenamente suas capacidades física, emocional e intelectual.

De acordo com Motta e Almeida (2004), as crianças e adolescentes institucionalizados apresentam marcas muitas vezes profundas e sempre dolorosas. Elas se referem basicamente ao dano causado ao processo de apego subsequente à sua internação e ao luto vivido quando da separação de sua família biológica ou de seus cuidadores primários. A falta de vida em família, a dificuldade em obter atenção individualizada, os obstáculos ao desenvolvimento de atividades ou à expansão de tendências particulares a cada um, a submissão à disciplina e rotina rígidas, o convívio restrito às mesmas pessoas em todas as atividades diárias com pouco contato com a comunidade são aspectos que se opõe às diretrizes a serem seguidas para que ocorra um desenvolvimento sadio da criança. (MOTTA e ALMEIDA, 2004).

OBJETIVO

Identificar características emocionais nos candidatos a padrinhos e madrinhas afetivos, e também nos candidatos as crianças e/ou adolescentes a serem apadrinhados.

MÉTODO

Participantes

O projeto envolveu 12 pessoas entre padrinhos e apadrinhados; sendo 3 padrinhos, 4 madrinhas e 5 apadrinhados. O programa vem sendo desenvolvido com casais que vivem uma relação estável, preferencialmente acima de 30 anos (obrigatoriamente 16 anos mais velhos que seus filhos apadrinhados), que possuem residência fixa, não buscando exigências relacionadas ao grau de escolaridade e nível sócio econômico. Os casais candidatos precisam dentre os documentos de praxe (RG, CPF, comprovante de residência), apresentar uma declaração de concordância mútua e certidão de antecedentes criminais, para depois serem avaliados e entrevistados pela psicóloga e assistente social da instituição. A criança e/ou adolescente a ser apadrinhada tem que ter mais de 2 anos e não estar em processo de adaptação e convivência.

A intenção era a pesquisa com os envolvidos no programa e a comparação das características emocionais de casos com resultados bem sucedidos e não tão satisfatórios em relação ao apadrinhamento. Ocorre que o único caso que não houve uma continuidade do apadrinhamento, o casal não compareceu para a realização do teste. Foi realizada a comparação dos indicadores que apareceram em cada casal de padrinhos com as respectivas crianças apadrinhadas, e qual sua implicação na relação do apadrinhamento.

Instrumento

Teste do Desenho da Figura Humana (Machover, 1949)

O que cada pessoa desenha está intimamente associado aos seus impulsos, ansiedades, conflitos e compensações que caracterizam sua personalidade. A figura desenhada é uma representação, uma projeção da própria personalidade e do papel que esta desempenha no seu meio ambiente (PORTUONDO, 1979). Machover (1949) estudou um sistema de correção e classificação dos aspectos emocionais nos desenhos de adultos e seus 12 critérios foram empregados na análise dos desenhos dos padrinhos. São eles, tamanho em relação à folha, localização na folha, tipo de linha, consistência do traçado, predominância de linhas retas, curvas ou ângulos, correções e retoques, sombreamento ou borrão, valor atribuído às partes do desenho, estereotipia, movimento, transparências e perspectiva.

O Desenho da figura Humana (Kopptiz, 1976)

Foi solicitada às crianças que desenhassem uma pessoa em uma folha sulfite, com a maior quantidade de detalhes possível. O tempo foi livre, bem como o uso de borracha. Nos desenhos serão observados 38 itens, de acordo com os critérios propostos pela autora em questão, quais sejam: traços fragmentados; integração pobre das partes da figura; sombreamento do rosto ou parte do mesmo; sombreamento do corpo e/ou extremidades; sombreamento das mãos e/ou pescoço; acentuada assimetria das extremidades; inclinação da figura em 15 graus ou mais; figura pequena, de 5 cm ou menos de altura; figura grande, de 23 cm ou mais de altura; transparência; cabeça pequena, um décimo da altura figura; cabeça grande, igual ou maior que o corpo; olhos vazios, círculos sem pupilas; olhadas laterais de ambos os olhos; olhos vesgos, ambos virados para dentro; dentes; braços curtos, não chegam até a cintura; braços longos, até debaixo dos joelhos; braços grudados, aderidos aos lados do corpo; mãos grandes, do tamanho do rosto; mãos omitidas, braços sem mãos nem dedos; mãos ocultas atrás das costas ou nos bolsos; pernas juntas; genitais; figura monstruosa ou grotesca; desenho espontâneo de 3 ou mais figuras; figura interrompida pela borda da folha; linha de base, pasto, figura na borda da folha; sol ou lua; nuvens, chuva, neve; omissão dos olhos; omissão do nariz; omissão da boca; omissão do corpo; omissão dos braços; omissão das pernas; omissão dos pés; e, finalmente, omissão do pescoço. A soma desses indicadores fornecerá o total de indicadores emocionais.

Além dos critérios acima descritos, optou por uma análise psicanalítica, com base nos critérios de Ocampo, sobre os mecanismos de defesa utilizados pelo entrevistado no processo diagnóstico. Segundo Ocampo (2003) “o conceito de defesa utilizado é o da teoria Kleiniana, no qual as defesas têm sentido e significado dentro de uma configuração específica de relação objetal; são processos dinâmicos em que estão implicados vínculos com os objetos”.

Coleta de dados

A avaliação foi dividida por casal de padrinhos e criança apadrinhada e as entrevistas com a execução dos desenhos foram realizadas em salas previamente cedidas pela instituição investigada. A aplicação dos desenhos ocorreu somente após a autorização dos participantes pela assinatura do termo de consentimento do adulto e das crianças (no caso, os responsáveis pelas mesmas).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

1º casal e a filhado.

Padrinho 1.

Consistência do traçado: repetido - uso de muitos traços para desenhar indica insegurança, sentimento de perda afetiva, imaturidade sexual. (Campos).

Simetria: rigidez - sistema obsessivo-compulsivo de controle emocional, e que pode ser expresso por repressão e superintelectualização, também pode indicar depressão. (Campos).

Sombreamento: pessoa sonhadora mascara seus conflitos, medo e insegurança. (Campos). Pode expressar ansiedade, medo e ocultamento. (Machover).

Tamanho reduzido: menos-valia, sentimento de inferioridade, pouca inteligência (Campos).

Estereotipia: sugere algum grau de identificação com a figura desenhada dentro de um nível de fantasia. (Campos).

Figura posicionada de frente: indica adequação de exposição em relação ao mundo, aceita o mundo de frente. (Campos).

Chapéu: proteção. (Campos).

Madrinha 1.

Figura de frente: não resolução da fase edipiana. (Campos).

Olhos luminosos: bem trabalhadas - atitudes geralmente negativistas, aspirações lamuriosas, agressividade, pode estar ligada ao problema da masturbação. (Campos).

Cabelos cobertos pelo chapéu: dissimulação sexual. (Campos).

Testa grande: desejo de afirmação da inteligência, situação de fato, problema somático. (Campos).

Representação das narinas: fantasia no campo sexual. (Campos).

Narinas com asas bem acentuadas: aspectos de forte sexualidade, agressividade, indicam de força, teimosia, comando, impulsividade. (Campos).

Negrito na boca: agressão oral, problema de fato, inter-relação social e sexual. (Campos).

Boca arco de cupido: expressões lamuriosas. (Campos).

Mão aberta: necessidade de afeto e inter-relação. (Campos).

Dedos: quando retocados / apagados - personalidade reprimida, impulsividade. (Campos).

Dedo: polegar maior que os outros dedos - simbolismo sexual, prática desviantes, problema somático, mecanismo de compensação. (Campos).

Dedos: grossos e curtos - baixo nível mental, objetivismo, cerceamento, agressividade reprimida, dificuldade de inter-relação, situação de fato. (Campos).

Pernas curtas: situação de fato ou problema somático. (Campos).

Pés: calcanhar e dedos - agressividade sexual, símbolo de castração. (Campos).

Pés: um para um lado e outro para outro lado - indecisão, ambivalência de comportamento, atitudes pessoais. (Campos).

Roupas: figura de calção - mecanismos de compensação, debilidade física ou sexual. (Campos).

Chapéu: proteção. (Campos).

Criança 1.

Tamanho da figura: figura grande - não possui significação até os 8 anos, associados com expansividade, imaturidade e controle interno deficientes. (Campos).

Cabeça grande: introspecção, fuga à fantasia. (Campos).

Figura monstruosa ou grotesca: reflete sentimentos de inadequação e baixo autoconceito; são crianças que não se vêem como humana, ou consideram-se ridículas, estranhas ou mal integradas na sociedade. (Campos).

Figura interrompida pela borda da folha: sinal de pseudoconfiança em si mesmo até um grau agressivo, com intenção de ocultar sua debilidade e frustração ao ambiente. (Campos).

Cabeça grande: imaturidade. (Campos).

Omissão dos braços: ansiedade e culpa por condutas socialmente inaceitáveis com braços ou não. (Campos).

Omissão das pernas: indica intensa angustia e insegurança. (Campos).

Omissão dos pés e do pescoço: não é válido até os 7 e 10 anos. (Campos).

Segundo Ocampo (2003), os mecanismos de identificação projetiva excessivos têm como consequência a desorganização do ego e do objeto e vivências de esvaziamento e de despersonalização. No desenho da criança, podemos verificar o que Ocampo caracteriza como: aspecto desumanizado, vazio, inexpressivo, despersonalizado, ou sinistro, persecutório. Características grotescas, alterações de limite, tamanho exagerado, projeção de traços estranhos.

No desenho dos padinhos há uma preocupação em realizar a tarefa adequadamente, o desenho é estereotipado, que segundo Ocampo (2003) indica um mecanismo de sublimação, onde a necessidade de desenhar aparece como uma tentativa de recriação e de reparação dos objetos. Sua produção mostra tanto as ansiedades, as dificuldades ou as preocupações que se mobilizam diante da reparação, como o estado de seus objetos internos e de ego.

Klein (1996), diz que “lado a lado com os impulsos destrutivos, na mente inconsciente da criança e do adulto existe um anel profundo para fazer sacrifícios, a fim de ajudar e curar pessoas amadas que, em sua fantasia, foram machucadas, ou destruídas.” Sendo assim, o apadrinhamento afetivo neste caso talvez funcione como uma reparação para os impulsos de destruição e ansiedade destes padinhos. Não podemos afirmar que os aspectos emocionais da criança, como a inadequação, sentimentos de insegurança possam ser colaborados por padinhos com sentimentos de reparação, mas talvez o comportamento de apego, e vínculo afetivo entre eles faça com que a criança supere essa insegurança.

2º casal e afilhado.

Padrinho 2.

Consistência do traçado: interrompido - dissimulação do problema, não aceitação do meio ambiente, oposição. (Campos). Indica timidez e insegurança. (Machover).

Correções e retoques: expressam ansiedade e impaciência motora, representa uma tentativa para alterar ou melhorar o desenho. (Campos).

Olhos representados por ponto: podem ser um meio imaturo de enfrentar a vida, aspectos repressivos na maturidade afetiva. (Campos).

Sobrancelhas: levantadas - livre expressão, arrogância, desdém ou dúvida. (Campos).

Cabelo grudado em caracol: repressão sexual. (Campos).

Boca grande: relaciona-se a uma ambição, desejo de inter-relação social, ambicioso. (Campos).

Dedos: retocados ou apagados - personalidade e agressividade reprimida, impulsividade. (Campos).

Cinto com fivela: controle narcisista. (Campos).

Botões no paletó: salto de sapato marcado alto indica maior afirmação de dependência, ambivalência e problema sexual. (Campos).

Madrinha 2.

Cabeça grande: ambição, aspirações intelectuais, introspecção, fuga à fantasia. (Campos).

Olhos vazios sem pupila: egocentrismo, recusa de enfrentar a realidade, pode ser enfrentar a realidade, pode ser agressividade, virilidade sexual. (Campos).

Nariz curto e pequeno: temor de castração, consciência de debilidade sexual. (Campos).

Boca em arco de cupido: expressões lamuriosas. (Campos).

Omissão de pescoço: dificuldade maior de controle entre os aspectos intelectuais e os impulsos do corpo. (Campos).

Braços um para cima e outro para baixo: fantasia. (Campos).

Controle impreciso de mão: falta de confiança entre nos contatos sociais, na produtividade ou em membros. (Campos).

Dedos em alfinete: agressividade. (Campos).

Pernas Separadas e curtas: problemas somáticos. (Campos).

Criança 2.

Simetria: rigidez - representar uma pessoa com corpo e cabeça bem eretos, pernas presas uma à outra, num estado de rígida tensão, mantendo o “self” contra o mundo exterior, expressam atitude defensiva. (Campos).

Tamanho da figura: grande - indica fantasia. (Campos). Também associadas com expansividade, imaturidade e controles internos deficientes. (Koppitz).

Cabeça pequena em relação ao corpo: sentido de menos-valia, preocupação crítica. (Campos).

Braços curtos, que não chegam até a cintura: dificuldade de comunicar-se com o mundo e com as pessoas, além de retraimento, inibições dos impulsos e timidez. (Koppitz, 1976).

Braços grudados ao corpo: pessoa esquizóide, fuga do indivíduo ao meio, desejo de superar o problema. (Campos).

Pernas juntas: introversão, isolamento, sentimento de culpa, dificuldade de caráter social. (Campos).

Neste casal verifica-se que as variáveis emocionais identificadas são conflitos decorrentes da força do superego, recusa de enfrentar a realidade, agressividade reprimida, falta de confiança nos contatos sociais, dificuldade de comunicar-se e imaturidade. Na criança encontra-se o sentimento de menos valia, aspecto não identificado no casal, porém também foram constatadas na criança atitudes defensivas em relação ao seu mundo interno, dificuldades em comunicar-se, imaturidade e controles internos deficientes.

Uma hipótese a ser considerada é que os sentimentos de repressão encontrados no casal podem ajudar na formação do desenvolvimento da criança, que possui sentimentos de menos valia e controle internos deficientes.

Segundo Ocampo (2003), a repressão como mecanismo adaptativo possibilita a clivagem entre as fantasias e entre a vida consciente e inconsciente, podendo favorecer o bom funcionamento psíquico mediante o esquecimento do trivial, do acessório e do secundário.

Para Bowlby (2002), se a criança recebe amor e atenção da mãe e do pai, ele se desenvolverá sem pressão pelos anseios libidinais e sem uma disposição irresistível para odiar, caso a criança não receba este carinho os anseios serão muito elevados e ele estará constantemente procurando amor e afeição. Segundo Freud (1905) a diferença está na amplitude dos sentimentos de ambivalência amor e ódio, por seus pais, pois no indivíduo neurótico este sentimento está ampliado e aparece de modo menos intenso na maioria das crianças, sendo assim, a repressão torna-se um mecanismo de defesa, quando reprime para o inconsciente aquilo que não é controlado e elaborado satisfatoriamente pelo ego. Neste caso a criança ainda não tem um controle interno eficiente, talvez em seu processo de amadurecimento faltou a segurança do amor de seus pais para que esta ambivalência fosse elaborada de forma ajustada, quando segundo Winnicott (1982), o papel dos pais é continuar vivo após a destruição da criança. Acreditamos que o casal tendo essa defesa adaptativa pode compreender a criança na sua fantasia de destruição e aceitá-la como ela é colaborando para o seu bom funcionamento psíquico.

3º casal e afilhada.

Padrinho 3.

Ausente.

Madrinha 3.

Localização: abaixo do ponto médio - individuo sente-se inseguro e inadequado, em depressão, preso à realidade e ao concreto, firme e sólido. (Campos).

Pressão ao desenhar: pouca pressão, traço leve - baixo nível de energia, repressão e restrições. (Campos).

Caracterização do traço: reto com interrupções - pessoa que contorna a situação, dissimulação do problema, pessoa agressiva que se controla. (Campos).

Tamanho da figura: tamanho diminuto - pode ser caso de inteligência, mas com problemas emocionais, pode indicar inibição da personalidade, desajuste ao meio, repressão e agressividade. (Campos).

Cabelo muito acertado: pessoas moralistas que se policiam, pode ser ainda exibicionista ou narcisista. (Campos).

Omissão do nariz: relacionada com termos de castração, mesmo quando desenhado ou omitido por mulher. (Campos).

Braços em horizontal: aparecem em desenhos simples e regressivos, refletindo contato superficial e não afetivo. (Campos).

Mãos em garfo: imaturidade. (Campos).

Pés: um para um lado e outro para outro lado - indecisão, ambivalência de comportamento, atitudes pessoais. (Campos).

Criança 3.

Cabeça grande: esforço intelectual, imaturidade, agressão e preocupação com rendimento escolar, não precisam ser necessariamente patológica, criança ambiciosa apresenta este item. (Campos).

Figura grande: não possui significação clínica até 8 anos - associadas com expansividade, imaturidade e controles internos deficientes. (Campos).

Olhada lateral: tendência paranóide que aumentam na medida em que a criança se desenvolve, conforme aponta Harris (1963). Reflete autoconsciência e sentimento de incomodo, comum em meninas que querem desenhar maquiagem e ressaltar os olhos, pode ser ainda timidez ou medo. (Campos).

Cabelo muito acertado: pessoas moralistas que se policiam, pode ser ainda com exibicionismo ou narcisismo. (Campos).

Colocar óculos: necessidade inconsciente, dissimulação da dificuldade em enfrentar o mundo. (Campos).

Boca grande: relaciona-se a um a ambição, desejo de inter-relação social, necessidade física. (Campos).

Ênfase na orelha: resistência à autoridade.

Acredita-se que os aspectos emocionais levantados no teste da madrinha e da afilhada são: pessoa moralista que se policiam, pode ser ainda exibicionista ou narcisista, dissimulação da dificuldade de enfrentar o mundo, autoconsciência sentimento ou incomodo, presa a realidade e ao concreto. Pode-se talvez propor a hipótese de que esse apadrinhamento “funcione” justamente pela identificação, e faça com que se obtenha êxito.

No desenho da criança verifica-se uma figura grande, bonita, com ênfase nos enfeites, expressão feliz, que segundo Ocampo (2003) indica um mecanismo de idealização, caracterizado nos desenhos da figura humana pela ênfase do poder mágico e do poder defensivo antes possíveis ataques de morte. A figura humana é grande, com exaltação da capacidade mágica onipotente de domínio e controle.

Segundo Ocampo (2003), a idealização corresponde a defesas maníacas, aparecem objetos grandes, bonitos, harmoniosos, nos quais é super enfatizados, expressão feliz, posse de conteúdos não agressivos. Ocampo diz ainda que dentro da teoria Kleiniana, a idealização é precursora de boas relações de objeto, sendo este idealizado como um objeto bom, contudo uma idealização extrema trava a relação com o objeto real, pois não existem objetos ideais e sim idealizados.

Winnicott (1983) descreve que, o falso self se constrói na base da submissão tendo uma função defensiva que é a de proteção do self verdadeiro, somente este pode se sentir real, mas não deve nunca ser afetado pela realidade externa, não deve nunca se submeter. Quando o falso self se vê tratado como real há um sentimento de futilidade e desespero por parte do indivíduo. Na vida desta pessoa há diversos graus e maneiras do self verdadeiro ser protegido e o falso self ser uma atitude social.

Os aspectos emocionais encontrados na madrinha, tais como o traço reto com interrupções - pessoa que contorna a situação, dissimulação do problema, pessoa agressiva que se controla, os braços em horizontal, refletindo contato superficial e não afetivo, podem sugerir a construção de um falso self para enfrentar a realidade, e na criança é encontrado o mecanismo de idealização, o que pode sugerir também a construção de um falso self, pois ambos indicam comportamentos idealizados, sendo assim, nesta relação pode ocorrer conflito, porém atualmente estes mesmos aspectos tem sido favoráveis ao desenvolvimento social desta criança.

4º casal e afilhados.

Padrinho 4.

Desenho de perfil: pode ser uma dissimulação, ou um desajuste, ou incapacidade de enfrentar o meio, indiferença ao meio, deficiência afetiva. (Campos).

Figuras cabalísticas: quando aparece geometrismo, estereotipia trata-se de problemas sexuais de personalidade esquizóide, neste caso a figura humana é desenhada de forma que vai existir na realidade. (Campos).

Figura não inteira: só a cabeça, censura ao seu próprio corpo, problema de grande censura sexual. (Campos).

Cabeça exagerada: debilidade mental pode ser caso de pessoas que tenham doentes na família; pode ser narcisismo ou valorização exagerada da própria inteligência. (Campos).

Nariz grande: virilidade sexo em grande escala, desenhado por homens pode ser mecanismo de compensação de homens frios. (Campos).

Boca grande: relaciona-se a uma ambição: desejo de inter-relação normal; necessidade física. (Campos).

Madrinha 4.

Tamanho reduzido: menos valia sentimento de inferioridade pouca inteligência. (Campos).

Olhos representados por ponto: podem ser meios imaturos de enfrentar a vida. Aspectos regressivos na maturidade afetiva. (Campos).

Cabelos: imoralidade sexual. (Campos).

Nariz desenhado com um corte ou sombra vertical: indecisa ou inadequação sexual, temores de castração, dúvidas, inteligência auto erótica. (Campos).

Mãos (ausência): falta de confiança nos contatos sociais, na produtividade. (Campos).

Pernas e pés são fontes de conflitos e dificuldades: indecisão ambivalência de comportamento. (Campos).

Criança 4.1.

Figura pequena: tamanho reduzido - sentimento de menos-valia, inferioridade e pouca inteligência. (Campos).

Cabeça pequena: sentido de menos-valia, preocupação crítica. (Campos).

Olhos: representados por um ponto - podem ser um meio imaturo de enfrentar a vida, aspectos regressivos na maturidade afetiva. (Campos).

Braços: em negrito - conflito, aspectos somáticos, dificuldade de contato com o mundo interior, sentimentos de menos-valia. (Campos).

Ausência das mãos: falta de confiança nos contatos sociais, na produtividade ou em ambos os aspectos. (Campos).

Linha de base: reflete necessidade, suporte, medo de ação independente, falta de auto-afirmação do sujeito. (Campos).

Omissão dos pés: cerceamento, dificuldade de contacto, situação de fato, sentimento de menos-valia. (Campos).

Criança 4.2.

Só a cabeça: censura ao seu próprio corpo censura sexual. (Campos).

Cabeça exagerada: debilidade mental pode ser o caso de pessoas doentes na família, pode ser narcisismo ou valorização exagerada da própria inteligência; narcisismo, egocentrismo, exibicionismo, fantasia mais que a capacidade de realização; sentimento de menos valia crítica do mundo, para o indivíduo a debilidade mental, problemas somáticos (dores de cabeça, por exemplo, escasso sentimento espacial, com base em defeito intelectual). (Campos).

Rosto: contorno reforçado: dificuldade de inter-relação social, fuga diante dos problemas, insegurança e incapacidade de vencê-los. (Campos).

Olhos lamuriosos: bem trabalhados - problemas de sexualidade inadaptada, ambivalência sexual. (Campos).

Sobrancelhas e pestanas: personalidade forte, decidida e teimosa, autoritarismo. (Campos).

Cabelos muito acertados: pessoas moralistas, que se policiam, pode ser exibicionismo ou narcisismo; ênfase em preencher o espaço envolvido, ou no vigor do sombreado; virilidade sexual. (Campos).

Franja: cobertura de problema sexual ou corporal; dependência da vitalidade sexual e distinção social, do que de sucesso intelectual. (Campos).

Nariz: grande, visto de frente: virilidade, sexo em grande escala, podendo ser mecanismo de compensação, homens frios; conflito sexual, imaturidade, complexo de inferioridade; homossexualismo. (Campos).

Representação das narinas: fantasia no campo sexual. (Campos).

Narinas bem acentuadas: aspecto de forte sexualidade, agressividade; indício de força, teimosia, comando, impulsividade. (Campos).

Boca grande: relaciona-se a uma ambição, desejo de inter-relação social; necessidade física. (Campos).

Boca redonda, ou oval, com lábios grossos: agressividade oral; pode ser conduta sexual desviante. (Campos).

Ênfase na orelha: resistência à autoridade. (Campos).

Queixo fugidio: pessoa com dificuldades sexuais. (Campos).

Pescoço curto e grosso: poder físico; pode relacionar-se às forças instintivas, mecanismo de compensação. (Campos).

Observamos que os aspectos emocionais demonstrados nesse caso podem estar indicando identificação entre os envolvidos.

Segundo Klein (1996), a capacidade de identificação ocorre quando somos capazes de nos colocar no lugar do outro, ao ponto de sacrificar nossos sentimentos e desejos. Essa identificação é como se partilhássemos da ajuda e satisfação a ela proporcionada por nós mesmos. Assim essa identificação funcionaria como uma reparação, pois ao fazermos sacrifícios por alguém, desempenhamos o papel de bom pai ou boa mãe, e nos comportamos como achamos que os pais fizeram conosco. Em fantasia ao comportarmos como bom pai ou boa mãe, recriamos e aproveitamos o amor desejado em nossos pais.

Talvez neste apadrinhamento além do comportamento de apego e vínculo afetivo, que acreditamos serem indispensáveis na relação de apadrinhamento, ocorra essa identificação, onde os padrinhos depositam suas frustrações e sofrimentos do passado. Não podemos afirmar que isso vá interferir nesta relação, pois ambas as crianças além de apadrinhadas pelo casal, acabou sendo adotadas por eles. Neste caso haveria a necessidade de um estudo mais profundo deste processo de adoção, e histórico de vida dos envolvidos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do trabalho foi identificar os aspectos emocionais que envolviam padrinhos e crianças, compreender sua relação no apadrinhamento afetivo, bem como elucidar esta temática complexa e dinâmica na sociedade

contemporânea. Com o teste do desenho da figura humana buscou-se identificar os aspectos emocionais de cada casal e cada criança, para posteriormente se analisar a relação destes aspectos no sucesso do apadrinhamento. O único caso onde o apadrinhamento não resultou em sucesso houve a ausência do casal no dia da aplicação do teste. Vale ressaltar que a criança já foi apadrinhada por outro casal, o que levou a uma adoção.

O teste do Desenho da Figura Humana (DFH) indicou alguns aspectos emocionais nos participantes do programa como agressividade, impulsividade, necessidade de afeto, sentimento de inferioridade, sentimento de menos valia, ansiedade, insegurança, baixo auto-conceito, conflitos decorrentes da força do superego, recusa de enfrentar a realidade, agressividade reprimida, falta de confiança nos contatos sociais, dificuldade de comunicar-se, imaturidade, atitudes defensivas em relação ao seu mundo interno, controles internos deficientes, pessoa moralista que se policia, exibicionista ou narcisista, dissimulação da dificuldade de enfrentar o mundo, presa a realidade e ao concreto, repressão, inadequação e afetividade superficial.

Nos quatro casos de apadrinhamentos que foram avaliados, o que pode ser verificado é a semelhança dos indicadores emocionais que aparecem tanto nos padinhos como nas crianças. Diante desses resultados acredita-se que estes aspectos emocionais semelhantes colaborem com o vínculo afetivo existente entre os padinhos e as crianças, pois há uma identificação entre eles que talvez necessite de mais estudos para sua confirmação. Essa semelhança também parece estar relacionada ao olhar integrado e contínuo, no sentido trazido por Winnicott (1983), ou seja aquele relacionado à capacidade de reconhecer as necessidades da criança, bem como de refleti-la, especialmente em seus aspectos bons.

Nesse sentido, essa identificação não se refere apenas aos sentimentos dos padinhos com relação às crianças, mas significa a utilização, de forma ampla, da subjetividade de si próprio (padrinho/madrinha) para a compreensão mais ampla e profunda de seu apadrinhado/a, de um modo mais completo. Por abranger não somente aquilo que é visível - o bom relacionamento - mas, principalmente, por incluir sentimentos e significados inseridos no inconsciente de cada um deles, ocultos, mas relacionados ao sucesso dos apadrinhamentos.

Os fatores psicológicos não são únicos, todavia, fazem parte de um conjunto de condições tanto externas quanto internas, relativas à dinâmica desses sujeitos. Por meio dessa análise evidenciamos que a combinação dos sentimentos - o desejo de ser cuidado (sentimento de abandono), a culpa e a consequente reparação estiveram presentes em algumas (duas?) relações de apadrinhamento. Nesse trabalho também é apontado para a necessidade de discussão sobre o olhar/cuidar dos padinhos, em função de vínculos conscientes e inconscientes que possuem com relação as (crase?) crianças e os direcionam não só aos aspectos bons, mas às dificuldades para exercerem suas funções familiares. Levantando a hipótese de que o apadrinhamento pode intensificar os aspectos de mútua dependência, o que poderia prejudicar o desenvolvimento das crianças. Entendemos ainda que o DFH é um instrumento de auxílio importante para a interpretação dos aspectos emocionais, mas não determinante, assim como qualquer outro instrumento, faz-se necessário dar continuidade nas pesquisas e estudos sobre a história de vida das pessoas envolvidas no programa.

No caso das crianças, em sua maioria, há o sentimento de insegurança e necessidade de afeto, o que já era esperado, em se tratando de crianças cujo desenvolvimento emocional pode ter sido comprometido já nos primeiros meses. Embora alguns autores (Ainsworth et al., 1971; Bowlby, 2002; Winnicott, 1983) destaquem que a criança que possui apego inseguro [sentimentos de insegurança] devido à ausência de uma figura significativa em sua vida, desenvolve um medo muito intenso de perder a pessoa ou objeto com o qual está se relacionando no momento, esse dado também deve ser melhor investigado.

Como as crianças estão em abrigo, numa situação em que às vezes não tem contato com a família, e são tratadas sempre no coletivo, o apadrinhamento pode ser uma solução, como vínculo afetivo, com indivíduos que lhe darão segurança, afeto, e confiança em si mesmo, e o sentimento de existem pessoas que lhes dedicam amor e atenção, o que Bowlby (2002), considera uma base segura, tão necessárias para um desenvolvimento saudável.

REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M. D. S., Bell S. M. V. & Stayton, D. J. Individual differences in strange-situation behavior of one-year-olds. In: Schaffer H. R. (Org.). **The origins of human social relation**. London: Academic Press; 1971.
- BENEDITO, A. C. Dialogando Com Abrigos. In: Schreiner, G. (Org.). **Cecif - Centro de Capacitação e Incentivo à Formação de profissionais, voluntários e organizações que desenvolvem trabalho e apoio à convivência familiar**. São Paulo: Cecif, 2004.
- BOWLBY, J. **Apego - A natureza do vínculo: Apego e Perda**. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (v.1).
- _____. **Formação e rompimento de vínculos afetivos**. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CAMPOS, D. M. S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.

ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069 de julho de 1990.** Disponível em: <http://www.eca.org.br/eca.htm>. Acesso em: 05 mar 2006.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 7.** Rio de Janeiro: Imago, 1972.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945).** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996.

KOPPTIZ, E. M. **El dibujo de la figura human en los niños.** Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1976.

MACHOVER, K. **Proyección de la Personalidad en los dibujos de la figura humana.** Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1949.

MOTTA, M. P.; ALMEIDA, T. L. As Marcas do Abandono e da Institucionalização em Crianças e Adolescentes. In: SCHREINER, G. (org.) **Dialogando com Abrigos. Cecif - Centro de Capacitação e Incentivo à Formação de profissionais, voluntários e organizações que desenvolvem trabalho e apoio à convivência familiar.** São Paulo: Cecif, 2004.

OCAMPO, M. L. S., ARZENO, M. E. G. & PICCOLO, E. G. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas.** 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2003.

PORLUONDO, J. A. **Test Proyectivo de Karen Machover: La Figura Humana.** Madrid. Biblioteca Nueva, 1979.

ROSA, E. T. S. 101 perguntas e respostas sobre alternativas de convivência familiar: família de apoio guarda e apadrinhamento afetivo. In: SCHREINER, G. (Org.). **Cecif - Centro de Capacitação e Incentivo à Formação de profissionais, voluntários e organizações que desenvolvem trabalho e apoio à convivência familiar.** São Paulo: Cecif, 2003.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editora S.A, 1982.